

GIORDANO BRUNO: UMA HISTÓRIA SOBRE A VIDA, OBRAS E CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

GIORDANO BRUNO: A HISTORY OF HIS LIFE, WORKS, AND SOCIO-HISTORICAL CONTEXT

Denilson Faccioli de Carvalho¹, Mônica de Cássia Siqueira²

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro/ICENE/Escola Estadual Frei Leopoldo de Castelnuovo, denilson.faccioli@gmail.com

² Universidade Federal do Triângulo Mineiro/ICENE, monica.siqueira@uftm.edu.br

Resumo: Neste artigo buscamos apresentar uma história sobre a vida, as obras e o contexto histórico-social em que viveu Giordano Bruno (1548-1600). Apresentamos uma versão que nos remete a conhecer a importância da formação intelectual do cientista anunciado, assim como compreender sua trajetória de vida, repleta de conflitos com a ortodoxia religiosa que o levou a uma extensa peregrinação pela Europa, e o processo inquisitorial que culminou em sua execução em 1600. Alguns resultados são objetos de estudos de um mestrado em andamento, que constam da análise das obras: "De l'infinito, universo e mondi" e "De la causa, principio et uno", que destacam a forma como o cientista interpretava a cosmologia do universo infinito e a concepção de Deus como princípio imanente.

Palavras-chave: Giordano Bruno; História da Ciência; Cosmologia; Filosofia; Renascimento.

Abstract: This article aims to present a history of the life, works, and historical-social context in which Giordano Bruno (1548-1600) lived. We present a version that leads us to understand the importance of the intellectual formation of the announced scientist, as well as to comprehend his life trajectory, full of conflicts with religious orthodoxy that led him to an extensive pilgrimage across Europe, and the inquisitorial process that culminated in his execution in 1600. Some results are part of an ongoing master's study, which include the analysis of the works: "De l'infinito, universo e mondi" and "De la causa, principio et uno", which highlight how the scientist interpreted the cosmology of the infinite universe and the conception of God as an immanent principle

Keywords: Giordano Bruno; History of Science; Cosmology; Philosophy; Renaissance

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma história sobre a trajetória de Giordano Bruno (1548-1600). Sua vida e obra, marcadas por confronto com as ortodoxias da época, culminaram em sua execução pela Inquisição Romana. Este estudo intenta apresentar uma compreensão sobre suas concepções filosóficas e cosmológicas que desafiaram os paradigmas estabelecidos, e como sua figura se tornou um símbolo da liberdade intelectual e da busca incessante pelo conhecimento em um período de profundas transformações.

Nascido Filippo Bruno em Nola (1548), o pensador, que adotaria o nome de Giordano ao ingressar na ordem dominicana, foi exposto a um ambiente intelectual em Nápoles. Sua formação inicial em humanidades, lógica e dialética foi crucial. A influência do averroísmo, que enfatizava a razão e a filosofia em detrimento da fé, moldou sua visão, incitando-o a questionar dogmas e buscar conhecimento além das fronteiras teológicas. Essa inclinação para o questionamento e a exploração de ideias heterodoxas seria constante, levando-o a conflitos com autoridades eclesiásticas e a uma extensa e perigosa peregrinação pela Europa, onde difundiu suas ideias e confrontou o pensamento estabelecido.

O percurso de Bruno pela Europa (Genebra, Toulouse, Paris, Londres) foi uma oportunidade para aprofundar estudos, debater ideias e publicar obras. Em Londres, o ambiente intelectual liberal permitiu a publicação de seus diálogos italianos, expondo suas concepções cosmológicas e metafísicas, que incluíam a defesa de um universo infinito e a pluralidade dos mundos. O retorno à Itália, contudo, culminou em sua prisão, processo inquisitorial e, finalmente, sua condenação à morte na fogueira. A análise apresentada aqui examina alguns eventos, incluindo as acusações contra Bruno e as implicações de seu julgamento e execução para a história da ciência e da filosofia. Ao final, buscar-se-á sintetizar o legado de Giordano Bruno, avaliando sua influência no pensamento ocidental e sua relevância para os debates contemporâneos sobre a relação entre ciência, filosofia e religião, e a importância da autonomia do conhecimento.

Vale ressaltar que o presente texto se insere no contexto de uma dissertação de mestrado em andamento, na qual está sendo investigado a ligação entre a cosmologia e a ontologia presentes nas obras de Giordano Bruno, com foco particular em "*De la causa, principio et uno*" e "*De l'infinito, universo e mondi*". Para a elaboração deste artigo, o objetivo é descrever, de forma sucinta, a vida, as obras e o contexto histórico-social de Giordano Bruno. Para tanto, foram consultados diversos artigos, obras e textos sobre o filósofo, além de ter havido contato direto com as obras do próprio Giordano Bruno.

DESENVOLVIMENTO

Formação Intelectual e Trajetória pela Europa

Filippo Bruno demonstrou inclinação para o estudo desde cedo. Aos 14 anos deixou a cidade de Nola para continuar seus estudos em Nápoles, em que se aprofundou em humanidades, lógica e dialética. Por influência de Giovanni Vincenzo de Colle (morto em 1574), um de seus professores, foi introduzido ao averroísmo, corrente que defendia a primazia da razão sobre a fé, moldando sua abordagem ao conhecimento estabelecido (O'Connor; Robertson, 2002; Aquilecchia, 2025). Em 1565, aos 17 anos, ingressou no convento dominicano de San Domenico Maggiore,

em Nápoles, onde teve acesso a uma vasta biblioteca e a um ambiente intelectual estimulante, embora também restritivo. Apesar de ter sido ordenado sacerdote católico em 1572 e de ter concluído toda a formação teológica oferecida pelo convento, Bruno manifestava um crescente desconforto com os ensinamentos cristãos que lhe eram impostos. Sua mente inquisitiva não se conformava com as limitações dogmáticas, e ele expressaria mais tarde que tal ensino "tentava me afastar de ocupações mais dignas e elevadas, acorrentar meu espírito e, de homem livre a serviço da virtude, fazer-me escravo de um sistema miserável e tolo de engano" (Giudice, 2023). Nesse mesmo período começou a questionar os dogmas da Igreja e a desenvolver suas próprias ideias, muitas das quais eram consideradas heréticas pela ortodoxia católica¹. A leitura de textos proibidos e a discussão aberta de temas controversos, como o arianismo, uma heresia que questionava a divindade de Cristo, o colocaram em rota de colisão com as autoridades eclesiásticas, culminando em sua fuga para Roma em 1576.

Em 1576, Bruno iniciou sua peregrinação, fugindo para Roma devido a um processo por heresia. Uma falsa acusação de assassinato o forçou a nova fuga. Percorreu quase dez mil quilômetros, visitando cortes e academias europeias. Em apenas dois anos, passou por cidades como Noli, Savona, Torino, Veneza e Pádua, além de breves estadias em Bergamo e Brescia. Sua busca por um ambiente de maior liberdade intelectual o conduziu a Lyon, depois Chambéry e, finalmente, a Genebra. Ao chegar em Genebra, se aproximou do calvinismo, mas rapidamente entrou em conflito com a intolerância religiosa de seus seguidores, sendo forçado a deixar a cidade (ARANTES, 2019). Foi preso e excomungado pelos calvinistas, somando-se à excomunhão católica² e, posteriormente, à luterana em Helmstedt, atestaria sua dificuldade em se alinhar a qualquer ortodoxia religiosa³ (O'Connor; Robertson, 2002; Aquilecchia, 2025).

Após Genebra, Bruno lecionou em Toulouse (França) por dois anos. As lutas religiosas o forçaram a ir para Paris (1581), onde se destacou como professor de filosofia e desenvolveu sua arte da memória. Em 1582, Henrique III (1551–1574) o nomeou leitor real, e no ano seguinte, Bruno foi enviado a Londres com a comitiva do

¹ O termo "ortodoxia católica" refere-se ao conjunto de doutrinas e dogmas oficiais da Igreja Católica Apostólica Romana da época, que se considerava a guardiã da "fé reta". Dentre esses dogmas e doutrinas, destacava-se a visão de um universo geocêntrico, com a Terra como seu centro, e a concepção de um Deus transcendente, ou seja, que existe fora e independentemente do universo que criou. Bruno, contudo, desafiou essa ortodoxia ao propor um universo infinito e ilimitado, sem centro, e ao defender uma concepção panteísta de Deus, na qual a divindade está presente em tudo e é inseparável do universo. A utilização do termo "ortodoxia católica" neste contexto se refere à doutrina da Igreja Católica Romana, e não à Igreja Ortodoxa (com "O" maiúsculo), que é uma denominação específica do cristianismo oriental separada de Roma desde o Grande Cisma de 1054 (Koyré, 2006; Concílio de Trento, 1947; Arantes, 2019).

² A "excomunhão católica" refere-se à pena eclesiástica mais grave imposta pela Igreja Católica, que exclui o indivíduo da comunhão com a Igreja, privando-o de sacramentos e de outros direitos eclesiásticos. No caso de Bruno, essa excomunhão inicial ocorreu em 1576, quando ele fugiu do convento dominicano de San Domenico Maggiore, em Nápoles. A fuga foi motivada por um processo inquisitorial que o acusava de não seguir as regras da ordem, de ler livros proibidos (como os de Erasmo de Roterdã) e de ter descartado imagens de santos, indicando suas crescentes divergências com a ortodoxia católica (Arantes, 2019).

³ O termo "ortodoxia religiosa" designa o conjunto de doutrinas e práticas consideradas corretas e oficiais por uma determinada religião ou denominação. A dificuldade de Bruno em se alinhar a qualquer ortodoxia religiosa (católica, calvinista ou luterana) demonstra sua postura de livre pensador e sua recusa em aceitar dogmas que considerava limitantes, o que o levou a conflitos com as autoridades de diferentes credos (Arantes, 2019).

embaixador francês Michel de Castelnau (1520–1592), iniciando um período produtivo (O'Connor; Robertson, 2002).

O período inglês, que se estendeu de abril de 1583 a outubro de 1585, foi de intensa produção intelectual para Bruno. Em Londres, ele foi introduzido à corte da Rainha Elizabeth I (1533-1603) e estabeleceu contato com figuras influentes como Sir Philip Sidney (1554–1586) e Robert Dudley (1532–1588). Foi nesse ambiente que conseguiu completar a maior parte de suas obras em italiano, que representam a primeira exposição sistemática de sua filosofia. Embora tenha tentado lecionar em Oxford, suas ideias e, principalmente, sua atitude desafiadora foram consideradas inaceitáveis pelos acadêmicos locais, forçando-o a retornar a Londres. Durante sua estadia na capital inglesa, Bruno publicou seis diálogos italianos, divididos em três cosmológicos e três morais. Em outubro de 1585, Bruno retornou a Paris, onde a situação política já não lhe era tão favorável. Após uma disputa pública com os aristotélicos, deixou a França e iniciou uma nova fase de peregrinação pela Alemanha, buscando um ambiente que lhe permitisse desenvolver e divulgar suas ideias, apesar das constantes resistências e incompreensões que enfrentava (O'Connor; Robertson, 2002; Aquilecchia, 2025; Giudice, 2023).

O Processo Inquisitorial e suas Implicações

O retorno de Giordano Bruno à Itália em 1591, após anos de peregrinação pela Europa, revelou-se trágico. Convidado pelo nobre veneziano Giovanni Mocenigo (1558 - 1623) para ensinar-lhe a arte da mnemônica, Bruno viu-se rapidamente em uma armadilha. Mocenigo, insatisfeito com os ensinamentos de Bruno, denunciou-o à Inquisição veneziana em maio de 1592 acusando-o de heresia e magia. Preso, defendeu suas ideias, argumentando que não contradiziam dogmas católicos. A Inquisição veneziana parecia inclinada a uma sentença branda (O'Connor; Robertson, 2002; Aquilecchia, 2025). No entanto, a Inquisição Romana, conhecida por sua rigidez e determinação em combater a heresia, interveio no processo. Sob a influência do Cardeal Roberto Bellarmino (1542-1621), teólogo e futuro inquisidor de Galileu Galilei (1564-1642), a Inquisição Romana solicitou a extradição de Bruno para Roma. Essa intervenção transformou o que poderia ter sido um julgamento menos severo em Veneza em um confronto direto com o poder central da Igreja Católica. A extradição de Bruno para Roma em fevereiro de 1593 marcou o início dos processos inquisitoriais que enfrentou. Durante sete anos, Bruno permaneceu detido, submetido a interrogatórios exaustivos e pressões para que abjurasse suas ideias. As acusações contra ele eram numerosas e graves, incluindo a negação da Trindade, da divindade de Cristo, da transubstanciação, e a defesa de um universo infinito com infinitos mundos habitados. Essas acusações não apenas questionavam sua concepção teológica e filosófica, que se afastava radicalmente da ortodoxia católica, mas também representavam uma ameaça direta à visão de mundo geocêntrica e antropocêntrica defendida pela Igreja. A persistência de Bruno em suas convicções, mesmo diante da ameaça de tortura e morte, atestava sua fé em suas próprias ideias e em seu sistema filosófico, recusando-se a renunciar aos seus princípios, mesmo sob a mais extrema pressão (Aquilecchia, 2025).

O processo de Giordano Bruno exemplifica as tensões intelectuais e religiosas do final do Renascimento. A Inquisição, guardiã da fé, buscava conter ameaças da Reforma Protestante e novas correntes filosóficas/científicas. Bruno representava um pensamento que transcendia categorias, combinando neoplatonismo, hermetismo, atomismo antigo e copernicanismo. Esta sua filosofia colidia com a visão teocêntrica

da Igreja. Após anos de interrogatórios e pressões, a Inquisição Romana, incapaz de fazê-lo abjurar suas ideias, proferiu a sentença final. Em 20 de janeiro de 1600, o Papa Clemente VIII (1536-1605) ordenou a execução de Giordano Bruno. Em 8 de fevereiro, a sentença de morte foi lida, e Bruno respondeu com notável coragem: "Porventura tendes mais medo de proferir a sentença do que eu de a receber" (Aquilecchia, 2025; O'Connor; Robertson, 2002). Em 17 de fevereiro de 1600, foi queimado vivo no Campo de' Fiori, em Roma, e suas cinzas foram dispersas no rio Tibre (O'Connor; Robertson, 2002). A execução de Bruno não foi um ato isolado, mas parte de um esforço maior da Igreja Católica para reafirmar sua autoridade e combater o que considerava heresias em um período de intensa efervescência intelectual e religiosa. O caso de Bruno, juntamente com o de Galileu Galilei, tornou-se um marco na história da ciência e da filosofia, simbolizando o conflito entre a liberdade de pensamento e a ortodoxia religiosa. A Inquisição, ao condenar Bruno, buscava enviar uma mensagem clara de que a dissidência intelectual não seria tolerada, mas, ironicamente, acabou por imortalizar Bruno como um mártir da ciência e da razão, e sua história continua a inspirar aqueles que lutam pela liberdade de expressão e pelo avanço do conhecimento.

Principais Obras e Linhas de Pensamento

A vasta e diversificada coleção de obras escritas de Giordano Bruno abrange tratados filosóficos e diálogos, poemas e textos sobre mnemônica, magia e matemática. Seus escritos foram publicados tanto em italiano quanto em latim, uma escolha que demonstrava seu desejo de alcançar diferentes públicos: as obras em italiano, mais acessíveis e frequentemente em formato dialógico, visavam um público mais amplo, enquanto as obras em latim, de caráter mais técnico e sistemático, eram direcionadas aos círculos acadêmicos e intelectuais da Europa. Essa dualidade na comunicação evidencia a intenção de Bruno de intervir tanto no debate filosófico especializado quanto na cultura popular (O'Connor; Robertson, 2002).

Entre suas produções, destacam-se os seis diálogos italianos, publicados em Londres entre 1584 e 1585. Essa série inclui "*La Cena de le Ceneri*" (1584; A Ceia de Cinzas), "*De la causa, principio et uno*" (1584; Sobre a Causa, o Princípio e o Uno) e "*De l'infinito, universo e mondi*" (1584; Sobre o Infinito, o Universo e os Mundos), que formam uma trilogia de cunho cosmológico e metafísico. Complementando-os, há "*Spaccio de la bestia trionfante*" (1584; A Expulsão da Besta Triunfante), "*Cabala del cavallo Pegaseo*" (1585; A Cabala do Cavalo Pegásico) e "*De gli eroici furori*" (1585; Dos Furores Heróicos), que compõem uma trilogia de caráter moral e religioso. Em conjunto, esses diálogos oferecem uma visão abrangente de seu sistema filosófico (O'Connor; Robertson, 2002). A escolha do formato dialógico permitia a Bruno explorar diferentes perspectivas e argumentos, convidando o leitor a participar ativamente da construção do conhecimento, e aprofundar-se nas complexidades de suas ideias.

Em "*La Cena de le Ceneri*", Bruno defende o modelo heliocêntrico de Copérnico, mas vai além, propondo um universo infinito e homogêneo, sem centro. Ele argumenta que a Terra não é o centro do universo, mas apenas um dos muitos corpos celestes que giram em torno do Sol. Além disso, ele sugere a existência de outros mundos habitados. Esta obra é um marco na história da cosmologia, pois desafia a visão geocêntrica e antropocêntrica que dominava o pensamento ocidental. Bruno não se limita a uma descrição física do universo; ele infunde sua cosmologia com profundas implicações filosóficas e teológicas, argumentando que a infinitude do

universo reflete a infinitude de Deus, e que a multiplicidade de mundos é uma manifestação da sua perfeição e poder. Essa obra, escrita em forma de diálogo, confronta as objeções de seus interlocutores e defende sua visão de um cosmos ilimitado e dinâmico, onde a vida e a inteligência podem florescer em inúmeras formas e lugares.

"*De la causa, principio et uno*" aprofunda a metafísica de Bruno, explorando a natureza de Deus como a Causa e o Princípio de tudo. Ele propõe uma unidade substancial entre Deus, o universo e a natureza, onde Deus não é um criador transcendente, mas um princípio imanente que se manifesta em todas as coisas. Essa concepção panteísta difere da teologia cristã tradicional, que separa Deus da criação. Para Bruno, a natureza é a manifestação visível de Deus, e o estudo da natureza é, portanto, uma forma de compreender o divino. Essa obra permite entender a visão de Bruno sobre a relação entre o divino e o natural, e como ele integra a filosofia e a teologia em seu sistema, buscando uma harmonia entre a razão e a fé. A ideia de um Uno que se desdobra em múltiplas formas, mas que permanece intrinsecamente ligado a todas elas, é central para a compreensão de sua metafísica, e representa uma tentativa de reconciliar a unidade divina com a diversidade do mundo fenomênico.

Em "*De l'infinito, universo e mondi*", Bruno expande suas ideias cosmológicas, argumentando que o universo é infinito e contém uma infinidade de mundos, cada um com seus próprios sóis e planetas. Ele rejeita a ideia de um universo finito e hierárquico, propondo um cosmos sem limites, onde a matéria e o espírito são manifestações de uma única substância divina. Além de defender a infinitude do universo, também argumenta sobre sua homogeneidade. Essa ideia foi um precursor importante para o princípio cosmológico moderno, que postula a uniformidade das leis físicas em todo o universo.

As obras de caráter moral e religioso, como "*Spaccio de la bestia trionfante*" e "*De gli eroici furori*", revelam a dimensão ética e espiritual do pensamento de Bruno. Em "*Spaccio*", ele critica a corrupção e a hipocrisia da Igreja e da sociedade de sua época, propondo uma reforma moral e religiosa baseada na razão e na virtude. Ele utiliza uma alegoria complexa para expor os vícios e as superstições que, em sua visão, afastavam a humanidade da verdadeira sabedoria. Já em "*De gli eroici furori*", Bruno explora a busca humana pelo conhecimento e pela união com o divino, descrevendo o amor e o entusiasmo como forças motrizes para a elevação espiritual. Ele argumenta que o verdadeiro herói é aquele que se dedica à busca da verdade e da sabedoria, superando os limites do conhecimento humano e buscando uma conexão mais profunda com o universo.

Legado e Influência no Pensamento Ocidental

O legado de Giordano Bruno abrange diferentes áreas. A persistência de Bruno em suas convicções, mesmo diante da ameaça de tortura e morte, o transformou em um mártir da liberdade de pensamento. Todavia, definir o real impacto de Bruno não é uma tarefa simples. De acordo com Baracat Filho (2009, p. 165),

[...] a extensão da influência de Bruno é difícil estimar, mas não se pode duvidar de sua existência. Alexandre Koyré (1992, p. 211) acredita que Galileu e Descartes tomaram conhecimento da obra nolaniana e dela sofreram influência, e Paul Oskar Kristeller (1970, p. 184) diz que Spinoza também leu Bruno, dada a semelhança de muitos dos seus raciocínios. Mas a partir do século XVIII não resta dúvida de que a filosofia nolaniana tornou-se mais

conhecida, na medida em que foi parcialmente resgatada do silêncio que lhe foi imposto. Antes disso, em função de seu destino trágico, uma espécie de segunda morte a acometeu, já que foi interditada e condenada ao esquecimento pela Igreja católica.

Embora suas ideias tenham sido silenciadas pela Igreja Católica Apostólica Romana, nos séculos que se seguiram, a figura de Giordano Bruno seria resgatada e reivindicada por movimentos intelectuais e políticos. Desde os iluministas do século XVIII, que o viam como um precursor da razão e da ciência, passando pelos românticos do século XIX, que celebravam sua paixão e individualidade, até os anticlericais e positivistas, que o utilizavam como estandarte contra a influência da Igreja. No entanto, deve-se tomar alguns cuidados. Essa apropriação póstuma, embora tenha mantido viva a memória de Bruno, muitas vezes simplificou ou distorceu a complexidade de seu pensamento, reduzindo-o a um mero precursor da ciência moderna ou a um herói da liberdade de consciência. Logo, é crucial reconhecer que a influência de Bruno transcende essas simplificações. Sua visão de um universo infinito e de uma divindade imanente abriu caminho para o desenvolvimento de novas cosmologias e filosofias da natureza. No entanto, faz-se necessário mais estudos para descrever com clareza os reais impactos de Giordano Bruno na construção da ciência e da filosofia (Knox, 2024).

CONCLUSÃO

Giordano Bruno, filósofo italiano, transcende a simplificação de mero mártir da ciência ou herói da liberdade de consciência. Sua trajetória, marcada por um pensamento que desafiou as ortodoxias de seu tempo, exige uma análise historiográfica rigorosa, livre de anacronismos e apropriações póstumas que distorcem a complexidade de suas ideias. Conforme os princípios de Marc Bloch (2001), a história não é um mero registro de fatos, mas uma busca por compreender o passado em sua totalidade, considerando as mentalidades, as estruturas sociais e as interconexões entre os eventos. Assim, ao invés de enquadrar Bruno em categorias modernas, é fundamental contextualizar suas ideias dentro do seu próprio tempo, reconhecendo as tensões e as continuidades que moldaram seu pensamento.

Sua cosmologia do universo infinito junto a uma complexa visão de Deus, embora inovadoras para a época, não surgiram do vácuo. Elas dialogavam com tradições filosóficas antigas e medievais, ao mesmo tempo em que abriam novas perspectivas para o futuro. O processo inquisitorial que culminou em sua execução não foi um mero embate entre ciência e religião, mas um complexo jogo de poder, ideologias e interpretações da realidade.

O legado de Bruno, portanto, não se resume a uma simples antecipação de ideias futuras. Ele reside na sua capacidade de questionar, de propor alternativas e de resistir à imposição de dogmas. Sua influência, embora muitas vezes apropriada e reinterpretada ao longo dos séculos, é um testemunho da constante busca humana por compreender o cosmos e o seu lugar nele. Desta forma, a historiografia da ciência, ao investigar as complexas interações entre o pensamento de Bruno e as transformações científicas e filosóficas posteriores, permite-nos compreender de forma mais realista sua contribuição, evitando anacronismos e reconhecendo a originalidade de sua visão em seu próprio contexto histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUILECCHIA, Giovanni. Giordano Bruno. In: **Encyclopaedia Britannica**. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Giordano-Bruno>. Acesso em: 26 jun. 2025.

ARANTES, Esther Maria de Magalhães. Giordano Bruno, parresista. Filósofo e poeta do universo infinito. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 437-451, 2019.

BARACAT FILHO, A. A. **O Infinito Segundo Giordano Bruno**. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CONCÍLIO DE TRENTO. **Cânones e Decretos do Concílio de Trento**. Tradução de Pe. João B. Reus. Petrópolis: Vozes, 1947.

GIUDICE, Guido del. **Giordano Bruno Info**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.giordanobruno.info>. Acesso em: 26 jun. 2025.

KOYRÉ, Alexandre. **Do mundo fechado ao universo infinito**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

O'CONNOR, J. J.; ROBERTSON, E. F. Giordano Bruno. In: **MacTutor History of Mathematics archive**. St Andrews: University of St Andrews, 2002. Disponível em: https://mathshistory.st-andrews.ac.uk/Biographies/Bruno_Giordano/. Acesso em: 26 jun. 2025.

KNOX, Dilwyn. Giordano Bruno. In: ZALTA, Edward N. (ed.). **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Stanford: The Metaphysics Research Lab, 2024. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/bruno/>. Acesso em: 4 ago. 2025.